A CARNE DO VAMPIRO

Cesar Chaves

Aos mortos que sonharam.
E aos vivos que morreriam por um sonho.

ÍNDICE

Prólogo: O pescoço e a lâmina...p.4
1 O primeiro mergulho na noite...p.6
2 O sangue da virgem...p. 9

PRÓLOGO
O PESCOÇO E A LÂMINA

A noite alimenta-se de anjos; doces criaturas de cabelos cacheados que trazem no olhar o querer que brilha como diamante. Mas a sua promessa, a oferta da noite que cintila como alegria, é apenas a isca para a carnificina que se seguirá. Ilusão conhecida e proclamada, o que faz a alma virginal partir ao seu encontro? Por que o querubim, já avisado dos horrores das alcovas, ainda assim não resiste e se entrega em orgia às garras do monstro?

A resposta, anuncia o cadáver de peito dilacerado se fazendo em cinzas sob o sol (a adaga que o abriu, oculta para uma nova insídia), compreensão. Compartilhamento de sua nobre alma, da emoção infinita que ele sente, e que não encontra eco entre os seus. O desejo de que Deus exista. Mas Deus não existe,

e muito menos a compreensão. Nunca seremos compreendidos, nunca seremos amados, jamais seremos salvos.

1. O PRIMEIRO MERGULHO NA NOITE

Corra, enquanto há esperança. Porque depois suas pernas pesarão com um fardo insuportável, o peso da estátua em que está se metamorfoseando, e então não conseguirá se movimentar, ou dar um passo adiante, e pasmo como são os olhares de todas as estátuas, beleza inútil, colosso que não vê a própria queda, você olhará fixo para um ponto e, imóvel, passará a achar tudo normal, a sua derrota, o feio, o prosaico, e esquecerá de seus sonhos, enterrando para sempre a força que o alimenta no âmago e o faz crer que o infinito é possível.

A casa paterna, e principalmente materna, é o lar do qual o pássaro deve fugir assim que alcance autonomia de voo. Na primeira chance, bater as asas e nunca mais voltar. Ou olhar para trás. Não se trata da expulsão do paraíso, mas da fuga do inferno em que está prestes a se tornar. Ou já se tornou, mascarada com lenitivos de civilização que impedem o ataque

a céu aberto. As almas saudáveis trazem consigo, por genética ou observação acurada, a consciência do que devem fazer, as patológicas estendem a permanência, e as mórbidas desejam ficar para sempre.

Sãs ou remendadas, entretanto, todas elas reconhecem que o espaço exterior se oferece como possibilidade de vida e realização do projeto existencial acalentado no silêncio das reflexões. E então partem dizendo um cordial adeus, o que significa o reencontro em efemérides e telefonemas e quaisquer formas outras de contato, com a eleição das palavras amigáveis que simbolizam, e às vezes até significam, o bom afeto e a oferta de solidariedade. A psicologia moderna, e tantas outras formas de terapia e correção do espírito, defendem que seja essa a atitude correta a ser tomada. E quem o negará? Que existe, e insiste, um afeto residual a quem é sangue do próprio sangue e que dedicou a vida para instituir a sua vida?

Que surpresa ocorre aos olhos quando lhes é revelado que não existe lugar para ficar e igualmente um destino de chegada! Que as chamas queimam tanto do lado de dentro quanto do lado de fora! Ameaçando, a seguir, até mesmo aquele recôndito que responde pela identidade própria e cuja violação representa a despersonalização e a loucura! Crianças, enquanto há tempo, zombem dos que falam pelas ruas caminhando sozinhos e com o aspecto alquebrado! Pois em breve será a sua vez! Não tendo fincado os dois pés em solo firme, e tendo reverenciado demais e sonhado ao ponto do desvario!

2. O SANGUE DA VIRGEM

Uma esquina é o limite entre mundos. Entre o conhecido e o vir-a-ser.

Uma casa na esquina traz a vantagem de ter a janela para duas realidades diferentes; quem, como as crianças, não possui o hábito de visitar lugares diversos do original, surpreende-se mesmo com a simples mudança de perspectiva, com a visão de outra perspectiva do seu próprio mundo.

A descoberta se dá acompanhada de excitação, algo tão vulgar trazendo emoções de grau intenso. Quando então o rebento sai da toca, uma explosão de cores, aromas e percepções toma a sua cabeça. A pele ameaçando descolar da carne, ‘arrebatamento’ é o termo que melhor a traduz. A esse encontro ele chama ‘vida’ e a emoção desperta faz com que o espírito experimente a sensação de perenidade e, da mesma forma, o desejo de querer ser sempre. No contexto caótico da origem, a alteridade, qualquer alteridade, reluz como salvação, o

caminho, qualquer caminho, como o ícone ortodoxo que emana a luz-promessa de condução para o além que é paz e ausência da fonte da maior dor do mundo, que assim o é, pois assim parece ser.

– Não trabalha, não estuda, não faz porcaria nenhuma! A não ser comer e dormir! Às minhas custas, é claro!

– Pode ficar tranquilo que assim que arrumar um emprego eu te devolvo cada centavo gasto na minha criação e educação! Educação no sentido de civilização, posto que estudei sempre em escola pública! Faremos um cálculo projetivo para cima das expectativas, considerando juros e inflação, e assim o senhor não correrá o risco de se sentir roubado! Afinal, são onze anos de material escolar, livros, cadernos, lápis e borracha! E ai de mim se fosse reprovado uma vez sequer! E agora, na universidade, também pública, que eu me vire! Passar no vestibular não foi mais do que obrigação! Aliás, o passarinho verde não te contou? Ou cantou e vossa excelência não

acreditou? Tão orgulhoso de sua prole amada e confiante em seu potencial? O melhor cumprimento que poderia ter recebido! São vinte e dois anos comendo dessa comida rica em proteína e carboidratos! E usando as duas mudas de roupa recebidas anualmente, e um par de sapatos a cada dois anos! Problema é seu se ele furar! Não podemos esquecer do gasto em energia elétrica e o teto para morar, recebido de graça! Ah, claro, computaremos aí o possível afeto que teve em relação a mim em seus momentos de fraqueza! Poderia até suputar as surras gratuitas, as omissões e ausências, sem falar dos maus exemplos, mas essas, vou contar como cortesia da casa!

O soco disparado inesperadamente atingiu o peito que, estupidamente, ou por inocência, o resultado é o mesmo, tinha calculado que a agressão havia chegado ao limite. Não, não chegara ao final, e se anunciava como o começo de uma sessão que não terminaria jamais. Então, caído de costas no sofá, antes que fosse

desfigurado pelo homem de quase duas vezes o seu peso, apanhou o primeiro objeto que as mãos alcançaram, um pesado cinzeiro de vidro temperado, para as visitas viciadas e para o próprio pai que ia e vinha do reino do tabaco e da nicotina, e o atirou em sua direção, atingindo-lhe o nariz e o detendo em sua intenção, não em seu ódio transformado em promessa: – Você quebrou meu nariz, filho da puta! Eu vou te matar! A 'puta' ouviu e viu tudo, e antes que a tragédia se completasse, interferiu colocando o corpo entre o sangue do seu sangue e o de sua eleição. Tão dispares, como se a genética e o DNA tivessem se recusado a passar para o filho as qualidades necessárias para a sobrevivência em um mundo que sempre é luta, quase nunca dádiva e jamais justiça. Força bruta e brutalidade nos momentos de dúvida. – Corre! Sai daqui! O teu pai está louco! Ele vai te matar! Disse a mulher em relação à qual sentia sentimentos profundamente contraditórios. É possível odiar a mãe? O filho tem tal direito? Figura santificada pela Igreja Católica e

endeusada pela publicidade? Isso não faria dele um monstro? Odiar à mãe é um sentimento proibido na cultura ocidental. Carregar no coração um veneno tão pernicioso que escapa à ideia de maldade do coração mediano? Estaria ele doente? À beira de um colapso que subverteria seu mundo?

Com a roupa do corpo saiu apressado da casa, a mesma que um dia ousou chamar de sua. A roupa padrão de um jovem numa noite de sábado, tênis, calça jeans, camiseta branca e casaco imitando couro. O código universal explícito dos homens, compreensível em qualquer lugar e inteligível sem o concurso de nenhuma língua em particular, o abençoado e mal compreendido dinheiro, informava que havia o bastante para uma passagem de ida no transporte público e uma refeição barata acompanhada de um expediente para empurrar a massa digestiva goela abaixo. Ou o dinheiro padrão de um jovem numa noite de sábado, de pouca monta. O bastante para duas cervejas, um sanduíche e o transporte público de volta.